

Urgência da educação para a competitividade

Não exageraríamos se dissessemos que um dos maiores obstáculos que se podem antepor à continuidade do desenvolvimento do País, a taxas capazes de satisfazer as aspirações de seu povo, são as deficiências na área educacional. Na expectativa de que o País institua as reformas indispensáveis à sua modernização, um esforço de âmbito nacional, envolvendo todos os segmentos sociais, tem de ser feito de modo a adestrar os trabalhadores nacionais para que sejam agentes mais ativos do nosso desenvolvimento e dele possam melhor usufruir.

Esse é o sentido do programa "Educação para a Competitividade", lançado oficialmente na sexta-feira em Brasília e que resulta de um convênio assinado pelo Instituto Herbert Levy (IHL) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep). Trata-se de uma iniciativa aberta a empresas, estabelecimentos públicos de ensino, entidades sindicais e profissionais diversas, buscando justamente mobilizar a sociedade para o apoio às ações relacionadas com a qualidade da educação básica de jovens e adultos, formando-os e capacitando-os para o trabalho e, dessa forma, colaborando para elevação do nível de competitividade do País.

A idéia, que será levada a todos os pontos do País através de "workshops", tem profundas conotações sociais. Como bem disse o presidente Fernando Henrique Cardoso, na cerimônia de lançamento no Palácio do Planalto, "sem educação não é possível haver aumento da produtividade nem é possível haver, mais tarde, aumento de salário, que é uma coisa funda-

mental para o Brasil. E nem, portanto, distribuição de renda".

Neste ano, o programa deve administrar uma verba total de R\$ 100 milhões, proveniente de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que financiará projetos específicos sem juro, se o tomador for um estabelecimento de ensino público, e a uma taxa de juro de 2,5% ao ano, mais a atualização pela TJLP, se se tratar de empresa ou entidade. Prevê-se uma contrapartida de recursos próprios das empresas, mas de apenas 10%.

Para os empregadores, as vantagens são óbvias, já que poderão retrainar maior número de pessoas, tornando-as habilitadas para o uso de técnicas mais aperfeiçoadas. Esse é um processo essencialmente dinâmico, que, frequentemente, acaba tendo repercussões na própria cultura empresarial, criando o espírito de "aprender a aprender", que também é parte integrante da base tecnológica das modernas organizações competitivas.

Os benefícios que o trabalhador desfrutará, além dos ganhos salariais derivados de sua maior qualificação e produtividade, estão relacionados também à sua situação diante de um mercado de trabalho em constante evolução. Diríamos que a sua "empregabilidade", se nos permitem o termo, será mais ampla, já que estará em condições de aproveitar novas oportunidades eventualmente surgidas.

Naturalmente, essa maior capacidade da mão-de-obra, que não se aplica exclusivamente à indústria

mas também ao setor de serviços em expansão cada vez mais rápida, terá reflexos diretos também no ambiente familiar. Sem dúvida, um trabalhador mais educado ou que aprendeu a reconhecer as vantagens da educação será levado a orientar os seus filhos ou pessoas diretamente a ele ligadas a encaminhar-se na mesma direção. E esse efeito reprodutivo, como já se observou em outros países, é enorme.

Não nos podemos esquecer ainda de que esse impulso adicional à educação — que o Instituto Herbert Levy colocou em suas prioridades, sendo tão bem compreendido pela Finep e pelo governo como um todo — tem um desdobramento político, no sentido mais nobre da expressão. Naturalmente, com a melhoria do nível educacional de grandes parcelas da população, reforça-se a cidadania, com maior consciência dos direitos, ao lado dos deveres e obrigações.

Em reconhecimento do elevado alcance do programa e da seriedade de propósitos que o anima, ele terá participação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), de acordo com convênio firmado com o IHL. Como fez questão de mencionar o presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu discurso, o Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE) vai também tomar parte, demonstrando que os trabalhadores brasileiros entendem perfeitamente os imperativos da transformação no campo educacional.